

# FERNANDO PESSOA: RELIGIOSIDADE NA POESIA

FERNANDO PESSOA: RELIGIOSITY IN POETRY

*Anaxsuell Fernando da Silva<sup>(\*)</sup>*

## RESUMO

O Poeta Fernando Pessoa (1888-1935), um dos mais controvertidos artistas do século XX, declarava-se um cristão gnóstico. Apesar disso, não se alinhou a nenhuma instituição religiosa e/ou doutrina estabelecida. Teve na dimensão religiosa a temática preferida. A proposta deste trabalho é compreender a religiosidade em Pessoa por meio da leitura de imagens suscitadas a partir de sua obra, e assim evidenciar na vasta produção significações poéticas que podem ser associadas a signos de religiosidade, seja no conteúdo manifesto ou latente de sua obra. Entende-se que Pessoa, e todos os seus personagens criados por intermédio da heteronímia, fez uso em sua escrita da linguagem simbólica dos mais distintos universos religiosos para compor sua própria forma de religiosidade. Visualiza-se que essa é pluriforme e talvez objetivasse contrariar os limites sociais estabelecidos para o exercício da fé.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernando Pessoa. Religião. Poesia. Heteronímia. Limites sociais.

## ABSTRACT

*Poet Fernando Pessoa (1888-1935), one of the most controverted artists of the twentieth century, used to declare himself as being a Gnostic Christian. However, he didn't join to any religious institution or to any established doctrine. His favorite theme was the religious dimension. This paper aims at understanding religiosity in Pessoa by means of the reading of his work images, in order to make evident poetic significances that can be associated to religiosity signs in his vast production both in the obvious and latent content of his work. It is understood that Pessoa and all his characters created with heteronym had a symbolic language brought from the several religious universes in order to compose his own religiosity form. This way it is multiform and perhaps it aimed at thwarting social limits established for the exercise of faith.*

**KEYWORDS:** Fernando Pessoa. Religion. Poetry. Heteronym. Social limits.

---

<sup>(\*)</sup> Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Ciências Sociais, Bacharel em Sociologia e com licenciatura plena em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), também é graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (São Leopoldo/RS) e especialista em educação ambiental (IFESP). E-mail: [anaxsfernando@yahoo.com.br](mailto:anaxsfernando@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO: ADENTRANDO O UNIVERSO PESSOANO

Num jazigo simples do Cemitério dos Prazeres, foram esquecidos durante cinquenta anos, os restos de Fernando Pessoa – há quatro anos, por ocasião das festividades do cinquentenário de sua morte, transportaram-no para o Mosteiro dos Jerônimos e o acomodaram em arca nova, perante uma platéia de ministros e secretários de Estado. Havia, como é costume entre os cristãos, uma cruz, provavelmente de mármore, pela descrição de José Saramago<sup>1</sup> após visitá-lo, que, colocada sob a fachada, reivindica sobre Pessoa promessas de eternidade, e vela o último sono do poeta.

Chamavam-no de Fernando, pessoa simples, nome comum. Ganhava o pão e o vinho pondo palavras no lugar de palavras. Insatisfeito em ser somente um, ele se fez vários. Chamou-se Alberto, Álvaro, Ricardo, Bernardo, Antônio e tantos outros conforme lhe aprouve. Tais, são muito mais do que um “drama em gente”, são, cada um deles, a expressão individualizante de um conteúdo plural que se tornou singular no seu fazer-se, um ser que é diferente porque diferente foi o seu fazer.

Ao longo dos meus estudos, tenho me deparado com uma produção vasta que busca definir um Fernando Pessoa unificado, do qual, por mera ramificação, tivessem nascido heterônimos em qualquer momento reversíveis ao seu ponto de partida. Trabalho vão. O Poeta e sua produção artístico-literária não se submetem aos nossos viciados esquemas mentais engendrados nos espaços acadêmicos, e oriundos dos hegemônicos princípios cartesianos.

A esfera mental pessoana é sempre um território em crise. Convivem, dialogicamente, regras e desregramentos a que a mente aristotélica-cartesiana – pensamento lógico-analítico – fundada no paradigma da exclusão, não se adapta facilmente. A incerteza e a dúvida são residentes no pensar e sentir de Fernando Pessoa.

Falar de Fernando Antônio Nogueira Pessoa e da sua obra, cuja complexidade e beleza atribuíram novo sentido e novo peso à literatura mundial, e de modo especial, à língua portuguesa, equivale, e isso já nos advertia Ferreira Gullar<sup>2</sup>, a “mergulhar num atordoante labirinto de espelhos”. O que é previsível, quando se lê o que o próprio Pessoa disse em carta a João Gaspar Simões: “O estudo ao meu respeito, que peca só por se basear, como verdadeiros, em

<sup>1</sup> *Jornal de Lisboa*, Lisboa, 26 nov. 1985.

<sup>2</sup> *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 nov. 1996. Caderno Mais!

dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir”. Tomamos esse reparo como uma primeira advertência, pertinente aos críticos que costumam explicar a obra dos escritores apenas por sua biografia. De fato, se em todo autor, obra e vida de algum modo se entrelaçam ou se ligam, devem os estudiosos ter em conta que se tratam de realidades diferentes, de linguagens diversas, que não se traduzem uma na outra. Sendo assim, o mesmo fato não terá igual significação na vida e na obra, ou seja, um estudo em que se pretenda ter acuidade deve ler a obra como obra e a vida como vida. Sem confundi-las ou reduzi-las uma à outra.

Muitos críticos e a maioria dos leitores tendem a encarar esses perfis individualizados como entidades autônomas. Um levantamento bibliográfico sobre Fernando Pessoa levará o pesquisador a constatar que os trabalhos acerca do poeta se constituem de teses, dissertações e monografias parciais, em torno de Campos, Caeiro, Reis ou *A Mensagem* e assim por diante. Esse fato pode decorrer da perda da visão em conjunto. Essa aproximação fragmentadora, que tende a isolar cada heterônimo num compartimento estanque, monolítico, abdica da sedução de considerar a heteronímia como um todo, regido por algum princípio caótico de ordem interna e não pela arbitrária justaposição de máscaras independentes.

O fato da heteronímia, semi-heteronímia e a ortonímia pessoanas não constituírem compartimentos estanques evidencia-se na existência de múltiplas relações, vasos comunicantes entre as diferentes vozes do poeta, seja por via das afinidades ou pelos antagonismos. Assim, tomo esse quadro como um processo dinâmico e não estático. Somos, enquanto leitores, fortemente influenciados em nossa compreensão pelo critério ordenador das partes que constituem a poética pessoana<sup>3</sup>. O leitor é imperceptivelmente instado a considerar o ortonímo como ponto-chave, ou ponto de origem, do qual partem em posição secundária, os heterônimos, em desdobramentos sucessivos.

Entendo ser imprescindível reaver a relação e o diálogo entre a universalidade e as singularidades. A dialogia entre o uno e o múltiplo, uma das

<sup>3</sup>Jacinto Prado Coelho (1977) considera Fernando Pessoa como sendo o “eu profundo” e os heterônimos, “os outros eus”. Em determinado momento, o crítico português afirma: “não obstante os estilos dos heterônimos traduzirem atitudes temperamentais e modos de conceber a vida diferentes, é possível (...) reduzir as afinidades de estilo dos heterônimos a uma unidade psíquica basilar” (p. 140). Essa análise exerceu e exerce grande influência: Afrânio Coutinho, por exemplo, publicou em 1980 uma seleção com poemas de Pessoa, intitulado a coletânea de “O Eu profundo e os outros Eus”.

principais características do pensamento complexo, aparta-se incisivamente do “generalismo estéril das leis gerais”, tanto quanto do “relativismo pueril que insulariza o singular” (ALMEIDA, 1997). Assim, Fernando Pessoa não é apenas um poeta do qual se desdobram outros, ou, simplesmente a coexistência em si mesmo de outros seres.

A meu ver isto não é apenas um problema interpretativo, teórico. Muito mais, trata-se de uma crise paradigmática, ancorada na crise de pensamento que estamos atravessando. Este trabalho, como outros, se fez pela necessidade de se reorganizar o conhecimento, dada a insuficiência das explicações científicas – produto de uma cosmovisão simplificadora, redutora, fragmentada e fragmentária, que resulta numa interpretação da cultura endurecida e inadequada ao mundo contemporâneo.

Fernando Pessoa é poeta. Não se fecha ao restrito território dos jogos de palavras e dos símbolos. Como poeta, possui competência, complexa e multidimensional, que concerne à humanidade e à religião. Sua mensagem religiosa implica ultrapassar os limites instituídos socialmente para o religioso, não se submetendo a organizações e ou instituições religiosas. Nossos viciados esquemas interpretativos têm reduzido, e sucessivamente fragmentado, as análises de sua poesia. A questão religiosa dentro da obra pessoana tem sido pouco discutida. E, quando feita, muitos dos comentadores desconsideram a possibilidade de uma expressão religiosa plural, multidimensional. O poeta português é sempre reduzido a uma expressão religiosa única, seja ela o catolicismo, o esoterismo, o ceticismo, a maçonaria ou qualquer outra, e sempre recebendo um tratamento monolítico, unilateral.

Entre os estudiosos que marginalmente trataram da questão religiosa em Fernando Pessoa, e que o fizeram de maneira monocular, posso destacar Nogueira (2003), que enfatizou o Pessoa budista; Costa (1978), que publicou um trabalho evidenciando o Fernando Pessoa esotérico; Azevedo (1972), que considera o poeta português um teósofo; Papus (1976), que destacou os aspectos relacionados ao Espiritismo; Perrone-Moisés (1982), que trabalhou os aspectos que aproximam Pessoa da filosofia oriental; Sandra Abdo (2002), que viu Pessoa como um cético; o psicanalista Gilberto Safra (2005), que afirmou sobre o poeta português: “A religiosidade de Fernando Pessoa se limita aos deuses pagãos”; Ordoñez (1994) que concebeu o poeta como sendo um “místico sem fé”, cético por ser excessivamente racionalista; Moisés (2005), que viu em Pessoa um católico inconformado, um místico sebastianista; Mes-

quita (1996), que foi categórico em vincular o poeta português a uma ordem ocultista; e também coletâneas publicadas com textos maçônicos de Fernando Pessoa, entre outros exemplos. Não me alongarei aqui nestes casos, retomo muitos deles ao longo do trabalho ao qual me proponho. Em suma: a leitura que tais estudiosos fizeram de Fernando Pessoa não é equivocada, apenas reduz a possibilidade de uma religiosidade multifacetada.

O caráter transgressivo do sujeito na literatura, neste caso, na poesia, possibilita pensar o quanto é possível transgredir na vida. Ao debruçar sobre a capacidade pessoana de se desdobrar em várias personagens e por meio delas exteriorizar diferentes formas de ver o mundo, isto é, diferentes expressões religiosas, mostro ou sugiro a possibilidade de fugir da compartimentalização religiosa existente, vigente e coercitiva, fruto de um pensamento ancorado num paradigma<sup>4</sup> moderno, que ainda age em nossos dias.

Um todo organizado produz qualidades e propriedades que não existem nas partes tomadas isoladamente. Portanto, é necessário ter um pensamento que possa conceber o todo e as partes simultaneamente, o sistema e a organização, pois tudo o que conhecemos é constituído da organização de elementos diferentes.

Espero que tenha ficado evidente que não tentarei explicar (isto é, interpretar) absolutamente nada. Este, se trafegássemos por ele, seria um caminho traiçoeiro. Explicar vem do latim *ex-plicare*, verbo que, por sua vez, deriva de *plicare* que significa *dobrar*. Explicar é, assim, tirar as dobras. Alisar o texto, como um ferro que alisa o pano, de forma a eliminar todas as dobras e, por conseguinte, todas as sombras.

Durante parte de sua vida, entre 1942 e 1948, Bachelard acreditou que a imaginação dos elementos – água, ar, terra, fogo – poderia explicar as imagens poéticas objetivamente, o que o motivou a escrever quatro livros desenvolvendo essa temática: *A água e os sonhos*; *O ar e os sonhos*; *A terra e os devaneios da vontade* e *A terra e os devaneios do repouso* e *A psicanálise do fogo*. Ao produzir *A poética do espaço* (1957) deu, em seus próprios termos, uma guinada fenomenológica e chegou à conclusão que não era possível levar adiante seu empreendimento, visto que a poesia está sob outro signo, o da *anima*. A partir de então, passou a fazer a defesa da fenomenologia da imaginação (GOMES, 2003).

A imagem poética, para Bachelard, não necessita de conhecimento. Isso

<sup>4</sup> Compreendo que paradigmas são estruturas de pensamento que de modo inconsciente comandam nosso discurso.

porque ela não é o eco do passado, e sim o seu inverso: “Pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos...” (BACHELARD, 1985, p. xxvi).

Interessa-me, repito, a poesia de Pessoa. E, nesse sentido, Gaston Bachelard lembra que racionalizar a literatura não é função da atividade literária. Sua finalidade seria maravilhar, fazendo-nos viver grandes imagens. Desse modo, uma crítica autêntica é uma aventura do conhecimento – e a ciência começa muito mais com um devaneio do que com a experiência. Só se pode pesquisar aquilo que já foi sonhado.

Fernando Pessoa não é alimento – ele é excitante. Por excitante deve-se compreender que a obra de arte convida o leitor não ao consumo passivo de um alimento; como leitores, somos instados a participar da obra por meio das nossas interpretações. Sabemos que tudo o que é excitante provoca, e os efeitos são obrigatoriamente partilhados entre os pares. Ser excitado é ser afetado. Pessoa é um estimulante particularmente eficaz e, por isso, sempre vale a pena voltar a ele. Trata-se de um poeta do sistema nervoso. Essa idéia remete-nos ao conceito de Valéry de “sensibilidade intelectual”. O intelecto também tem suas sensações.

## 1. FERNANDO, MAIS UM PERSONAGEM DE PESSOA?

Ao discutir sobre a falta de provas acerca da vida desse cidadão português, Antonio Tabucchi, um dos mais lúcidos estudiosos do poeta, sugere a possibilidade de que Pessoa nunca tenha existido, e que tenha sido invenção de um tal Fernando Pessoa, um homônimo *alter ego* em meio ao turbilhão alucinante de personagens que, como Fernando, partilharam as “modestas pensões lisboetas onde ele, durante trinta anos, arrastou o ramerrão da mais banal, da mais *exemplar* vida de um mangas-de-alpaca.” (1984, p. 11, grifos do autor).

A hipótese de que Fernando Pessoa fosse *alter ego* de um Fernando Pessoa igual ao primeiro é verdadeiramente alucinante e talvez, absurdamente, a mais óbvia. O próprio Pessoa, já em 1931, nos forneceu o paradoxo sobre o qual se assenta a minha – e não somente minha – suspeita. Ei-la:

*O poeta é um fingidor  
finge tão completamente  
que chega a fingir que é dor  
a dor que deveras sente.*

Assim, resta-nos imergir nos “dados” bibliográficos daquele que foi a ficção de um impostor idêntico a si próprio, ou seja, Fernando Antônio Nogueira Pessoa.

Em 1935, no último ano de sua vida, o poeta confessa-se em nota biográfica “cristão gnóstico”. Ele foi batizado e educado, enquanto criança, dentro dos parâmetros da religião católica – existe um documento, datado de 1907, dirigido ao pároco da freguesia em que fora batizado<sup>5</sup>. Compreendo que Pessoa definia *gnose*, de onde se origina o adjetivo *gnóstico* por ele empregado, como o conhecimento esotérico perfeito da divindade que se transmite por meio da tradição e mediante rituais de iniciação.

Entre os vários poemas, textos, anotações que podem ser encontrados ainda hoje no espólio do poeta, um chama atenção: o convite para o sarau de entrega do prêmio de “segunda categoria” em concurso realizado pelo Secretariado de Propaganda Nacional. O convite era dirigido ao ganhador, Fernando Pessoa, que preferiu não comparecer à entrega do prêmio por considerar-se injustificado.

Em 1934, em plena vigência do regime salazarista, foi instituído o prêmio literário Antero de Quental, a ser atribuído ao melhor livro de poesia nacionalista. Por insistência de amigos, especialmente Sá-Carneiro, Pessoa publicara no mesmo ano seu primeiro (e único) livro em língua portuguesa, a *Mensagem*. O resultado, divulgado em 31 de dezembro de 1934, atribuiu o prêmio ao livro *Romaria*, do padre franciscano Vasco Reis, alegando ser “obra de genuíno lirismo português, que revela uma alta sensibilidade de artista e que tem um sabor marcadamente cristão e popular.”<sup>6</sup>

Para *Mensagem* foi criado um prêmio de “segunda categoria”, uma tentativa de aprimorar o regulamento, pois esse tipo de premiação não era até então previsto. Segundo o *Diário de Lisboa*, “...o diretor do Serviço de Propaganda Nacional não teve de intervir em nenhuma das resoluções tomadas. Mas decidiu, atendendo o alto sentido nacionalista da obra e ao fato de o livro ter passado para a segunda categoria por uma simples questão de páginas, elevar para 5.000 escudos o prêmio atribuído à *Mensagem* de Fernando Pessoa.”<sup>7</sup>

Até pouco antes de ser publicado o livro chamava-se *Portugal*. Nos últimos instantes, o título foi substituído, “por não achar a sua obra à altura do

<sup>5</sup> Nesse documento, Pessoa contesta o fato de ter sido batizado quando ainda era “ente irracional”.

<sup>6</sup> Nota divulgada pelo *Diário de Lisboa* em 4 de Janeiro de 1935.

<sup>7</sup> *Idem*.

nome da Pátria” e por *Mensagem* “estar mais dentro da índole do trabalho e, ainda, por ter o mesmo número de letras” (SIMÕES, 1951, p. 317).

*Mensagem* se distingue das epopéias conhecidas – o foco de interesse é o futuro e não o passado. A fonte propulsora do poema de fato remete para a história de Portugal, como *Os Lusíadas*, ou como *Eneida*, para a história de Roma. Mas, contrariamente a Camões e Virgílio, que enchem de glória o passado e, em meio à exaltação, chamam atenção para as dificuldades do presente, Pessoa lança seu olhar em algo que está por vir. Os acontecimentos do passado são sinais misteriosos que necessitam ser desvendados e assim entrever o futuro. O tema da história do futuro foi recorrente na cultura portuguesa, de modo ser possível dizer que é nesse terreno fértil que Pessoa cultiva a doutrina messiânica, expresso em seu “Quinto Império”.

Nesse ponto penso ser necessário um esclarecimento. Há uma diferença entre a concepção linear da história, sem repetições, e a compreensão cíclica da história. Nessa última, há uma mudança contornos, cenários, mas a história é essencialmente a mesma. É essa compreensão que possibilita a percepção dos fatos que ainda estão por acontecer, se o indivíduo se atentar ao presente, aos sinais que hoje se apresentam.

Tratar de messianismo, em matéria de cultura portuguesa, é falar do mito de Dom Sebastião. Para tanto, outros aspectos devem ser trazidos à tona. Entre 1530 e 1540, Gonçalo Annes, um sapateiro do povoado de Trancoso, bem mais conhecido na história da literatura portuguesa como “Bandarra”, representante da “cultura artesã apocalíptica” (HERMANN, 1998, p. 49-121), é o elemento responsável pela transmissão na esfera popular do messianismo, transitando entre cristãos novos e velhos (HERMANN, 1998, p. 46). O “ilustre” sapateiro assimila diversos elementos dessas culturas para redigir suas trovas, e ao fazê-lo, cumpre o papel de intermediador entre o oral e o escrito, ou seja, Bandarra é o grande mediador entre dois mundos: o cristão novo e o cristão velho; o oral e o escrito; o popular e o erudito (HERMANN, 1998, p. 41). As trovas de Bandarra têm três eixos temáticos: a sociedade e a hierarquia quebrada; a esperança de um novo mundo e a atribuição a um rei português da missão salvadora (MEGIANI, 1995, p. 30-31) – é esse texto que circula entre o povo que tem o sapateiro como “profeta”.

Anos mais tarde, em 1578, desaparece o jovem rei D. Sebastião em batalha contra os árabes no Norte da África. Com a morte do rei e a ausência de descendentes, o reino de Portugal foi anexado à rival Castela. O fato de nunca

ter sido encontrado o corpo do rei, fato esse associado à sujeição a Castela e fundido às coplas de Bandarra, deu origem ao mito português por antonomásia: o regresso de D. Sebastião traria consigo o ressurgimento de Portugal.

Essa crença prosseguiu com o passar do tempo e durante a segunda metade do século 17 dá-se a metamorfose mais importante, quando o padre jesuíta Antônio Vieira profetiza a instauração do Reino de Deus sobre a Terra, que ele chamou de “Quinto Império” – reino de mil anos que abarcaria todas as raças e culturas.<sup>8</sup>

Na medida em que se configura esse quadro, é importante mencionar Joseph Campbell. Para ele, os mitos “são temas que deram sustentação à vida humana, constituíram civilizações e enformaram religiões.” (1990, p. 4). Os mitos – manifestações da alma humana, e por isso identificáveis em todas as culturas – são “sonhos arquétipos” da humanidade, e afloram independentemente do nível de isolamento dos grupos. Alguns fatores responsáveis pela estruturação dos mitos são identificáveis – neste caso, o que parece ser mais significativo é o sofrimento. É no sofrimento que a criatura humana busca alternativas: “no fundo do abismo desponta a voz da salvação. O momento crucial é aquele em que a verdadeira mensagem de transformação está prestes a surgir. No momento mais sombrio surge a luz.” (p. 39)

Entre os que contribuem para a compreensão do mito está Lévi-Strauss (1993) e a sua constatação de que cada grupo social expressa suas construções míticas, atitudes em relação ao mundo e maneiras de resolver os problemas da existência. Sua assertiva é que o mito não se sujeita a “nenhuma regra de lógica ou de continuidade” (p. 239) e é considerado como tal enquanto for assim percebido e reconhecido.

A idéia de “Quinto Império”, advogada em *Mensagem* por Pessoa (1998), se origina diretamente do Sebastianismo e das profecias bíblicas, especialmente do livro de Daniel. O sonho de um “Quinto Império” português, promessa antiga do sapateiro Bandarra, reforçada pelo padre Antônio Vieira e realimentada ao longo dos séculos, se manifesta invariavelmente nos momentos históricos em que é forte a sensação de crise e decadência. Situação que remete a confiança no futuro da nação, “glória” e “desgraça” indissociavelmente irmanadas, como pode ser percebido no poema *O das quinças*:

<sup>8</sup> Cf. VIEIRA, A. *Livro anteprimeiro da história do futuro*.

*Os Deuses vendem quando dão  
Compra-se a glória com desgraça  
Ai dos felizes, porque são  
Só o que passa!  
Baste a quem baste o que lhe basta  
O bastante lhe bastar!  
A vida é breve, a alma é vasta:  
Ter é tardar.  
Foi com desgraça e com vileza  
Que Deus ao Cristo definiu:  
Assim o opôs à Natureza  
E filho o ungiu*

Tanto o judaísmo como o cristianismo, religiões que se originam de um mesmo tronco teológico e que predominam em Portugal, apresentam-se predispostas ao milenarismo (mais comum na concepção linear da história) e ao messianismo (concepção cíclica da história). Para ambos:

*o mito escatológico (...) se diferencia dos demais pela pregação de uma purificação e não de uma nova concepção, e esse paraíso devolvido não terá mais fim. O tempo circular da eterna destruição/reconstrução dá lugar ao tempo linear sem repetições. Além do mais insere-se o componente messiânico articulado com o fim do mundo e a chegada do paraíso. (ELLADE, 1992, p. 62).*

A imagem poética da profecia do “Quinto Império”, à qual me refiro, pode ser vista com nitidez nas duas últimas estrofes do poema intitulado, não por acaso, *Quinto Império*:

*E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da era noite começou.  
Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa – os quatro se vão  
Para onde vai toda idade  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu d. Sebastião?*

No livro de Daniel, as profecias dão conta de quatro grandes impérios, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Pessoa associa-os ao Sebastianismo com outro corte temporal; desconsidera os dois primeiros e acrescenta Cristandade e Europa. A estes, seguir-se-ia o “Quinto Império”, quando D. Sebastião regres-

sasse para governá-lo como reencarnação de Cristo. No livro do profeta Daniel, assim está dito acerca dos últimos impérios (ou tempos) da humanidade:

*E depois se realizará o juízo, a fim de que lhe seja tirado o poder; e ele seja destruído e pereça para sempre, e seja dado o reino, o poder e a grandeza do reino, que está debaixo de todo o céu, ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é um reino eterno, e ao qual servirão e obedecerão todos os reis.” (DANIEL, 7.26,27)*

Portanto, Pessoa parte da percepção que a Cristandade rompeu com o mundo antigo, embora se originasse dele. Iniciava-se desse modo uma civilização exclusivamente cristã, monopólio religioso responsável pelo desvirtuamento do autêntico cristianismo. O “Quinto Império” recolocaria tudo no devido lugar.

A imagem do mar é algo extremamente forte na cultura portuguesa, e não poderia deixar de ser também na obra de Fernando Pessoa. A esse aspecto ele dedica a segunda parte do livro *Mensagem*, intitulada *Mar Português*. As imagens aquáticas evocam a totalidade do que é virtual, matriz de todas as possibilidades de existência. De acordo com Eliade (2002) as águas simbolizam a substância primordial de todas as formas e para a qual voltam, seja por regressão ou cataclismo. Nos versos de Pessoa, “a terra inteira, de repente” surge do “azul profundo”. Eliade vai adiante:

*Na cosmogonia, no mito, no ritual, na iconografia, as águas desempenham a mesma função, qualquer que seja a estrutura dos conjuntos culturais nos quais se encontram: elas pertencem a qualquer forma e suportam qualquer criação. A imersão na água simboliza o regresso pré-formal, a regeneração total, um novo nascimento. (ELIADE, 2002, p.153)*

Outros aspectos desse livro pessoano, relativos à estrutura formal quanto ao sentido obscuro de alguns poemas, guardam afinidades com ensinamentos rosacruzcianos. A Rosacruz é constituída de um sistema extremamente organizado que em geral busca uma “explicação científica” para os conceitos metafísicos. Seu embasamento dogmático é sutilmente balizado por princípios básicos da teologia cristã. Isso a torna bastante próxima da Teosofia. Ambas pertencem a uma mesma corrente do Ocultismo.

No poema *O encoberto*, temos impresso, entre outros simbolismos, os principais emblemas da Rosacruz, a “cruz” e a “rosa”. Nesse plano, é representado a figura de Cristo, que derrama seu sangue na cruz, objetivando que a “rosa do coração”, adormecida na alma-núcleo, volte à tona. Assim, em *Mensagem*, o poema *O encoberto* lida com esses temas. A cruz representa o corpo e a rosa, o espírito. Eis o poema:

*Que símbolo fecundo  
Vem na aurora ansiosa?  
Na Cruz Morta do Mundo  
A Vida, que é a rosa.*

*Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?  
Na cruz, que é o Destino  
A Rosa que é o Cristo.*

*Que símbolo final  
Mostra o sol já desperto?  
Na Cruz morta e fatal  
A Rosa do Encoberto.*

Em sua forma, a poesia é composta de três estrofes de quatro versos. No rosacrusismo, o número três remete ao divino e o quatro é o número da terra ou da matéria.

É consensual entre os críticos de Pessoa (MOISÉS, 2005) que a divisão tripartida da *Mensagem* sugere uma interpretação da história de Portugal em três fases: ascensão, apogeu e declínio. Se nos valermos do universo explicativo pertencente à tradição rosacruciana, poderemos pensar nessa divisão como instantes-chave de um relato mágico-cosmogônico, do qual a história portuguesa seria metáfora.

O interesse de Pessoa pelo ocultismo é algo recorrente nos estudos a seu respeito. André Mesquita considera essa faceta a única evidente na obra do poeta, e ousa afirmar: “[...] sua obra guarda os principais conceitos do ocultismo da nossa época e é leitura fundamental para quem se interessa pelo assunto.” (1996, p. 55).

O ocultismo – estudo pelo qual o homem busca vasculhar os labirintos da sua mente, visando fundamentalmente o autoconhecimento, o controle do universo que o cerca e a própria iluminação – foi tema de uma carta do poeta endereçada a Adolfo Casais Monteiro, em 14 de Janeiro de 1935. Cito-a:

*Falta responder a sua pergunta quanto ao Ocultismo. Pergunta-me se creio em Ocultismo. Feita assim, a pergunta não é bem clara; compreendo porém a intenção e a ela respondo. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade utilizando-se até chegar a um Ente Supremo, que presumidamente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente superiores hajam criado outros universos, e que estes universos co-existam com o nosso, interpenetrantes ou não.*

Nessa mesma carta, Fernando Pessoa nega pertencer a qualquer ordem e pede que ela não seja publicada. Tal pedido faz com que alguns, como o próprio André Mesquita, argumentem em favor de Pessoa pertencer a uma ordem ocultista – daí o voto de silêncio. Se ele foi ou não um iniciado, nunca sabemos. Mas, salta aos olhos imagens poéticas relacionadas a essa esfera religiosa.

Não podemos desprezar, por qualquer que seja o motivo, o comprometimento do poeta e da sua obra com as raízes mágicas do ocultismo. Isso, sem desconsiderar o fato de ser a própria magia aliada e cúmplice da inspiração poética. Mallarmé atribuía ao poeta a missão de encontrar uma visão órfica da terra. E, a própria designação latina *vate*, refere-se àquele que nomeia as coisas, que tem poder sobre elas, isto é, vidente, profeta.

Sabe-se, também, que Fernando Pessoa foi um excelente astrólogo. Ele chegou a elaborar o mapa astral de cada um dos heterônimos<sup>9</sup> e foi exatamente por esse tipo de conhecimento que foi possível travar contato com Aleister Crowley, mago notável segundo os ingleses.

Enquanto “A besta 666”<sup>10</sup> corria o mundo provocando escândalos, o poeta português, na pacata Lisboa, fazia suas viagens internas. Em suas leituras deparou-se com a autobiografia de Crowley e nela percebeu que o horóscopo que ele traçara para si mesmo estava equivocado. Imediatamente tomou uma folha de papel e escreveu para o mago, apontando o erro astrológico. A carta, endereçada à editora, chegou às mãos do autor, que reconheceu o erro e respondeu. Impressionado, decidiu visitar o poeta em Lisboa. Pessoa, avesso à notoriedade, não gostou da idéia de acolher o mago, mas este foi mesmo assim.

Um fato decisivo acabou por introduzir Fernando Pessoa no estudo das disciplinas teosóficas e ocultistas: a tradução para o português que fez, a pedido da editora *Livraria Clássica de Lisboa*, dos livros de Annie Besant, sucessora de Helena Petrovna Blavatsky à frente da sociedade teosófica<sup>11</sup>.

Em carta dirigida a sua tia Anica, de 24 de junho de 1916, Fernando Pessoa confessa sentir-se com características de mediunidade; desenvolve práticas de espiritismo, assim como demonstra interesse pela teosofia, pelos Rosa-Cruzes, pela numerologia e pela astrologia – em suma, o “pendor para o oculto”. Nessa carta o poeta deixou claro que via a “aura magnética” das pessoas e que, no momento da crise que levaria o amigo Mário de Sá-Carneiro ao

<sup>9</sup> Além do mapa astral de cada heterônimo, Pessoa elaborou também a assinatura de cada um deles.

<sup>10</sup> A besta 666 foi um nome adotado por Aleister Crowley.

<sup>11</sup> A sociedade teosófica foi fundada em 1895, na cidade de New York.

suicídio, fora acometido de uma “súbita depressão vinda do exterior” que não conseguia explicar<sup>12</sup>.

Enquanto residiu na casa da tia Ana Luísa Nogueira de Freitas o poeta presenciou várias sessões espíritas (ORDÓÑEZ, 1994, p. 68), o que parece ter marcado profundamente seu imaginário poético. Um dos seus mais conhecidos poemas, por mim já mencionado, chama-se *Autopsicografia*. Esse título é composto de dois termos. Como o primeiro deles não oferece dúvidas, detenho-me no segundo. Em seu contexto de origem, o Espiritismo, “psicografia” envolve uma dualidade: um agente voluntário (o espírito), que seria o verdadeiro autor do texto a ser psicografado, e um agente involuntário (o médium), mero instrumento de que o primeiro se serve. O agente voluntário está num plano invisível, imaterial, inacessível, enquanto o agente involuntário se situa num plano material e tangível, acessível a qualquer um de nós.. Para o espírito, o conteúdo psicografado é apenas uma potência que se atualiza por intervenção mediúnica.

Para as doutrinas espíritas, espírito e médium são entidades rigorosamente distintas. Esse último é um espaço ocasional por meio do qual, e/ou no qual, o primeiro se manifesta. No poema pessoano, entretanto, o prefixo “auto”, presente no título, remete para a possibilidade de espírito e médium serem uma só entidade. Ele é espírito e médium de si mesmo.

Em 1935, em matéria publicada no *Diário de Lisboa* – e mais recentemente disponível no livro *As origens e a Essência da Maçonaria* –, Fernando Pessoa (2006c) comenta longamente um projeto de lei proposto pelo deputado José Cabral. Esse projeto dispunha sobre “organizações secretas” e estabelecia fortes sanções para todos os que pertencessem a elas – em caso específico, tinha por objetivo inibir a maçonaria. No mesmo artigo, Pessoa demonstra com perspicácia o desconhecimento do deputado sobre o tema, ao contrário dele que “sabe o que está escrevendo”, e talvez mais que isso “[...] tendo eu, porém, certa preparação, cuja natureza me não proponho a indicar” (PESSOA, 2006c, p. 50).

Outro belíssimo poema escrito por volta de 1912, no mesmo período em que publicava textos de crítica literária sobre a moderna poesia portuguesa na *Águia*<sup>13</sup>, é chamado de *Prece*, poema-oração muito semelhante aos cantos-

<sup>12</sup> Para o aprofundamento desse fato sugiro consultar SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Bertrand, 1981. p. 585 – 587.

<sup>13</sup> Revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social, importante órgão da renascença portuguesa. Foi publicada entre os anos 1910 e 1932, tendo a fase áurea entre 1912 e 1916. Além da colaboração de Fernando Pessoa como crítico da revista, publicavam na revista Mário de Sá-Carneiro, Afonso Duarte, João de Barros, o pintor Antônio Carneiro (diretor artístico da

orações de São Francisco de Assis. Nele, está explícita a imagem de um cristão devoto, saltando aos olhos a exigência de pureza, o sentimento de adoração, a consciência da vanidade egolátrica e o desejo de entrega e abandono ao divino. Ou como prefere dizer um estudioso pessoano, “o efeito de uma experiência íntima secreta.” (QUADROS, 1984). O poema traz também notável semelhança com os cânticos de adoração do rei Davi, descrito no livro dos Salmos<sup>14</sup>.

## 2. AS OUTRAS PESSOAS DO PESSOA

Até aqui penso ter demonstrado a multiplicidade das expressões religiosas presentes em Fernando Pessoa (*ipse*). Desde a *Prece*, expressão do seu sentimento religioso cristão, monoteísta, às expressões ocultistas (astrologia, teosofia ou rosacrusismo e a imersão na escrita autopsicográfica), própria do espiritismo e sua adesão à maçonaria.

Mas, o Pessoa não se faz apenas de uma só pessoa – idéia que exploro nas próximas páginas.

### 2.1. ALBERTO CAEIRO

Caeiro, *híbris* da produção poética de outros heterônimos, nasceu em abril de 1889, em Lisboa. Além de *O Guardador de Rebanhos*, deixou o diário poético intitulado *O pastor amoroso* e várias poesias dispersas, que Fernando Pessoa recebeu de Álvaro Campos e, posteriormente, haveria de reunir com o título *Poemas Inconjuntos*. Quem prefaciou o livro de Caeiro, foi ninguém menos que Ricardo Reis que comenta:

*Os parentes de Alberto Caeiro, a quem ele deixou entregue o seu livro completo, e os poemas dispersos que o suplementariam, quiseram que eu, única pessoa a quem o destino concedeu que pudesse considerar-se discípulo do poeta, fizesse uma espécie de apresentação, ou de prefácio explicativo, à coleção de seus poemas. (PESSOA, 1998, p. 111)*

A poesia de Caeiro despreza a mediação operada pelos signos e aspira a uma utopia da realidade. Seu desejo é um mundo em que os processos de significação não sejam mais necessários. Esse entendimento é importante para

Águia) e ainda correspondentes estrangeiros (entre eles, Miguel de Unamuno, em Salamanca).

<sup>14</sup> Refiro-me de modo especial ao Salmo 139.7-12

a compreensão da estética do mestre dos heterônimos<sup>15</sup>, e sobretudo para a percepção da concepção religiosa que permeia essa *persona*.

O “Mestre” gostaria de crer, mas sua honestidade para com as emoções e o pensamento não lhe permitem “Quando os relâmpagos sacudiam o ar [...] Pus-me a rezar a Santa Bárbara, Como se eu fosse a velha tia de alguém.[...] Sentia-me alguém que possa acreditar em Santa Bárbara.... Ah, poder crer em Santa Bárbara!” (PESSOA; CAEIRO, 1980, p. 37). Talvez por essa falta de fé afirma: “Não acredito em Deus porque nunca o vi. Se ele quisesse que eu acreditasse nele, Sem dúvida que viria falar comigo E entraria pela minha porta dentro Dizendo-me, Aqui estou!” (PESSOA; CAEIRO, 1980, p. 40). Assim compreende que Deus não é possível, pois ao ser possível deixa de ser Deus.

Alberto Caeiro concebe uma poesia existencialista. Não o existencialismo urbano, dimensão poética que se faz presente em Álvaro Campos, mas sim o existencialismo de feição campestre, que desconfia da metafísica, da teoria e das palavras, com a serenidade e o sossego de quem não duvida. Seu materialismo inocente ensina a difícil aprendizagem do desaprender, repelindo (e na medida que o faz, atrai) o transcendentalismo. É anti-filósofo e anti-metafísico (ANTUNES, 1983, p. 351).

Nesse sentido, o existencialismo de Caeiro tem uma feição notadamente budista. O budismo tem muito de materialismo, como também de niilismo. E nisso Lucila Nogueira, estudiosa pessoana, concorda comigo (NOGUEIRA, 2003).

Epicuro foi igualmente niilista. O próprio ideal budista do nirvana tem muito a ver com a catarse grega, de modo que tanto o budismo quanto o epicurismo e o existencialismo tentam libertar o espírito das perturbações que o afligem. A felicidade do epicurista é uma felicidade de aniquilamento, ou, para usar a expressão do universo simbólico budista, a felicidade de nirvana.

O epicurismo é a ascese que se estabelece sobre uma visão materialista do mundo. Ele significou, na Grécia, o ocaso do pensamento aristotélico. E, a adesão do mundo ocidental contemporâneo ao budismo, assim como a adesão intelectual ao existencialismo, representam a falência dos postulados de uma forma da razão.

Assim como Fernando Pessoa (*ipse*), e as outras *personae* pessoanas, Caeiro está em busca da verdade. Só que, essa busca não consiste, do seu ponto de vista, em desvelar as razões que se escondem por trás das aparências, mas

<sup>15</sup> Para um aprofundamento nesse aspecto, sugiro *O guardador de Signos: Caeiro em Pessoa*, de Rinaldo Gama.

sim, antes, em deter-se nas aparências.

No poema VIII de *O Guardador de Rebanhos*, conta-se a descida do menino Jesus à terra, com sabor de história infantil: desmonta-se inocentemente o quebra-cabeças da Trindade; desanuvia-se o martírio da crucificação e, com riso de uma eterna criança, encontra-se “O Deus que faltava”, humano e natural. Uma ousada descrição cristológica. Um Deus-menino. Travessura e alegria compõem tal quadro.

Em Caeiro nota-se a percepção pagã do mundo e a aproximação da poesia com elementos do budismo. Cabe, entretanto, destacar que as imagens suscitadas a partir do poema VIII podem demonstrar sua descrença em relação à prática religiosa institucional, assim como o apego a uma espiritualidade sustentada por uma leveza oriunda do contato com o belo.

## 2.2 RICARDO REIS

Ricardo Reis viveu em terras brasileiras até a morte, em 30 de novembro de 1935. Nasceu no Lisboa<sup>16</sup> em 19 de setembro de 1887, às 16 horas e 05 minutos e fora educado num colégio de jesuítas. Segundo Fernando Pessoa, foi “um latinista por educação alheia e um semi-helenista por educação própria” (PESSOA, 2006b). Apesar de ser médico não se serviu, da profissão para sobreviver.

Apesar da invocação e exaltação de Epicuro como modelo e patrono espiritual de sua busca do fim supremo da ataraxia, Reis não adere – à semelhança de outras *personas* do Pessoa – irrestritamente aos seus ensinamentos. E, à medida que se distancia de tais ensinamentos, aproxima-se de outra forma de espiritualidade. Um bom exemplo são os versos: “Lídia, a vida mais vil antes da morte, / Que desconheço, quero”; “Temo Lídia, o destino. Nada é certo. / Em qualquer hora pode suceder-nos / o que nos tudo muda”. O poeta confessa ter sido tomado pelo temor tanto da morte quanto do poder dos deuses sobre o destino dos homens, contrariando assim frontalmente uma das máximas epicuristas:

*Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem encontram-se na sensibilidade: a morte é a privação da sensibilidade. (EPICURO et al., 1973, p. 21)*

<sup>16</sup> Em carta a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro de 1935, Pessoa altera o local do nascimento de Ricardo Reis para o Porto. Lisboa fora o local escolhido anteriormente no mapa astral do médico.

De fato constitui-se um engano pensar que a doutrina epicurista, ou qualquer outra, constitua para Reis uma direção unívoca. Nele a emoção comparece, mas inteiramente sujeita ao controle da razão, e voltada tão somente para articulação de idéias e questões que dizem respeito aos grandes temas (também objetos dos embates religiosos) e inquietações do homem: a existência, os deuses, o destino, a beleza, o sentido da vida, a virtude, o tempo, a arte, a dor, a alegria, a morte e o prazer, entre outros. Tudo isso meticulosamente engendrado por reflexões filosóficas de caráter estóico-epicurista em português erudito e latinado.

Pierre Hourcade chama a atenção para as impecáveis odes horacianas, e as qualifica como “concentração da sabedoria pagã em comprimidos” (1978, p. 131). Representante do paganismo, além de adepto do “pensamento alto”, Reis apregoa a indiferença do homem diante do poder e do arbítrio dos deuses diante do destino inelutável e da morte como termo definitivo de toda a vida.

Na visão do “pagão inocente da decadência”<sup>17</sup> o cristianismo – ou cristismo, termo que ele prefere – é o mal de todos os males. Isso porque o cristianismo introduz o tempo mítico no tempo histórico, baralhando-os, com o seu Deus que é divino e humano ao mesmo tempo, e obrigando a dimensão do sagrado a transitar pela consciência e o foro íntimo de cada indivíduo, fonte de todo o subjetivismo e toda a desagregação. Reis, evidentemente, não reverencia o epicurismo nem o *carpe diem* horaciano. Se Caeiro é dotado de uma falsa serenidade, Reis é um falso árcade: ele se volta ao passado, mas com os olhos fixos no presente, e é assim que faz seu diagnóstico sem negar a realidade contemporânea.

A extrema flexibilidade do ecletismo religioso e filosófico de Reis faz transparecer a aceitação e o tratamento igualitário a todos os deuses, seitas e doutrinas, religiosas e metafísicas. Todos seriam igualmente verdadeiros. Não existe deformação dos deuses, como no seu mestre Caeiro. Os deuses são úteis, já que servem “... para conduzirmos entre os homens”. Ao mesmo tempo “[...] são irreais porque não são realidades, mas são reais porque são abstrações concretizadas. Uma abstração concretizada passa a ser pragmaticamente real; uma abstração não concretizada não é real mesmo pragmaticamente.” (PESSOA, 1995, p. 148).

Nesse panteão particularíssimo, também o Cristo tem lugar, mas como um deus a mais, que se junta aos já existentes sem qualquer prioridade. No conjunto, porém, persistem elementos de cunho esotérico.

<sup>17</sup> Expressão utilizada por Fernando Pessoa (*ipse*) para caracteriar Ricardo Reis.

### 2.3 ÁLVARO DE CAMPOS

Álvaro Campos nasceu em Tavira, no Algarve. Embora tenha se graduado em Engenharia Naval em Glasgow, nunca exerceu a profissão e viveu a maior parte da sua vida inativo em Lisboa. Entretanto, sê-lo fará significativa diferença em sua produção poética. Foi incentivado ao estudo por um tio sacerdote que vivia em Beira, que lhe ensinou o latim; depois, estudou no Liceu e, em seguida, foi mandado para a Escócia.

A poesia de Campos carrega consigo, na ironia e no cinismo, um desespero existencial que chega a ser ontológico. Esse mergulho é chamado pelo já referido ensaísta Carlos Felipe Moisés de “obsessão retrospectiva”. Na medida em que imerge em si mesmo. Campos volta principalmente ao passado, preterindo o presente e o futuro. Um retorno sempre feito com a visão negativa, imposta pela inevitável mudança.

*O que ele é difere substancialmente do foi, a ponto de já não reconhecer: é o homem transformado em estranho para si mesmo. Daí decorre a sensação desconfortável de estar carregando dentro de si não só um estranho, mas sim um estranho irrecuperável. (2005, p. 111).*

Em *Tabacaria*, poema que para alguns é a chave para a compreensão de Álvaro de Campos, emergem algumas lembranças do poeta. Não daquilo que ele foi, mas sim do que aparentou ser, criando um conflito entre o Eu-individual e o Eu-social.

Na constatação da ausência de Deus e no vício de pensar estão as raízes mais profundas da inquietação pessoana, em Campos materializada na sensação tantas vezes reafirmada da sua irrealização. O poeta reconhece o fracasso: “Falhei em tudo”. E, como se quisesse reiterar, repete-o em três metáforas da impossibilidade total:

*Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta  
ao pé de uma parede sem porta,  
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,  
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.*

A negatividade, a dúvida e a contingência estão presentes no fazer poético de Campos, ainda que não determinem o motivo. De fato, a angústia, segundo os filósofos existencialistas (vêm-me à mente Kierkegaard, pela estima que Pessoa tinha por ele) não possui causa específica, não se vincula às contingências,

mas remete à própria situação do homem no mundo, continuamente projetado para o futuro e às voltas com as possibilidades, que tanto podem se concretizar quanto redundar num total fracasso. Muitas imagens ao longo de todo o poema remetem a esse aspecto – além do “Deus morto” anunciado por Nietzsche.

Assim, para Álvaro de Campos, a religião estaria na dimensão do prazer e não no âmbito mutilador da dominação institucional. Isso se deve à compreensão prudente do mito que possuía e que lhe possibilita uma compreensão ampla de divindade.

## 2.4 ALEXANDER SEACH

O nome anglo-saxônico (enigmático) e o fato de manter contato com Pessoa por meio de cartas desde 1899, quando aquele freqüentava a *high school* de Durban, poderiam fazê-lo supor sul-africano ou mesmo inglês. Entretanto, em uma ficha, Pessoa declara que Alexander Seach nasceu em Lisboa no dia 13 de junho de 1888.

Dele foram publicados até hoje alguns textos, em inglês. Sobressai um acordo com o satanás, presente no diário do Pessoa, datado de 2 de outubro de 1907 e intitulado *Pacto para a vida de Alexander Seach*. Esse regimento de vida pessoal contém quatro assertivas, a terceira delas pacto chamou-me a atenção, e a partilho: “Nunca esquecer de atacar a religião em nome da verdade, que a religião dificilmente pode ser substituída e que o pobre homem chora nas trevas.” (PESSOA, 2006b, p. 74). No final do texto, assinou com um símbolo (associado ao satanismo) e a insígnia 666.

## 2.5 ANTÔNIO MORA

Pessoa, inquieto com seus tormentos internos, resolveu certa vez visitar uma clínica psiquiátrica em Cascais. Lá encontrou Antônio Mora, filósofo, passeando no pátio do manicômio. Segundo a descrição do próprio Fernando Pessoa, em um manuscrito intitulado *Na casa de Saúde de Cascais* – e dado a conhecer por Jacinto Prado Coelho –, Mora era alto, imponente, de olhar vivo e arrogante, tinha barba branca e estava vestido com uma toga à romana, quando recitava o início da lamentação de Prometeu, da tragédia de Ésquilo. Pessoa pediu ao dr. Gama, médico que o acompanhava, para ser apresentado a Antônio Mora.

Pessoa conheceu o filósofo nessas circunstâncias quando este já era ido-

so e portador de “psiconeurose intercorrente”. Contudo considerava que “a loucura era condição inventada pelos homens para segregar as pessoas que incomodam a sociedade” (TABUCCHI, 1996, p. 27). Por ocasião do encontro com Pessoa, Antônio entregou-lhe os manuscritos de um projeto de livro chamado *O regresso dos deuses*, em que expõe uma visão próxima da temática que desenvolvo neste trabalho. Ei-la:

*Os deuses não morreram: o que morreu foi a nossa visão deles. Não se foram: deixamos de os ver. Ou fechamos os olhos, ou entre eles e nós uma névoa qualquer se entremeteu. Subsistem, vivem como viveram, com a mesma divindade e a mesma calma.* (PESSOA, 1988, p. 258)

Para essa *persona* do Pessoa, a religião era uma questão estética – os gregos, com sua visão excessivamente nítida, nos influenciaram a respeito. Havíamos trocado o sentir pelo ver. Para o único heterônimo assumidamente filósofo, o ver de maneira lúcida prejudica o sentir. Seu desejo era que criássemos em nós “uma nova forma de olhar e de sentir” (PESSOA, 1988, p. 259). Tal atitude propiciaria o ensejado regresso dos deuses.

## 2.6. RAPHAEL BALDAYA

É o autor de *Tratado da Negação e Princípios de Metafísica Esotérica*. Nesses livros, reivindica ser o porta-voz de uma “verdadeira ciência”. Era opositor da teosofia, compreendia-a como uma “democratização do hermetismo, a sua cristianização”. Morava em Lisboa. A partir de uma carta de Pessoa a Mario de Sá-Carneiro, datada de 1915, pode-se deduzir que Baldaya se relacionava com Pessoa pelo menos desde aquele ano. Tabucchi (1984) afirma que na arca, espólio com 27543<sup>18</sup> papéis de Fernando Pessoa, foi encontrado um cartão de visita, informando nome e profissão: Raphael Baldaya, astrólogo.

## 2.7. BERNARDO SOARES E/OU VICENTE GUEDES

Bernardo, o “ajudante de guarda-livros” (PESSOA, 1986), passou toda a vida de modesto empregado em Lisboa. Morava sozinho, num quarto alugado, na zona comercial da Baixa, entre o Rossio e o Tejo, próximo às companhias de importação e exportação de tecidos – trabalhava em uma delas como

<sup>18</sup> Cf. MOISÉS, 1986, p. 10.

assistente contábil, à Rua dos Douradores. Soares conheceu Fernando Pessoa numa pequena cantina chamada “Pessoa”, no qual era cliente fixo. E foi em meio às mesas desse restaurante que lhe contou sobre o projeto literário, os sonhos, dando-lhe de presente o *Livro do Desassossego*, diário metafísico da mediocridade cotidiana.

Curioso o fato que entre os papéis inéditos de Pessoa foram encontrados fragmentos de outro *Livro do Desassossego*, de um certo Vicente Guedes que Pessoa conhecera no mesmo restaurante. Se se trata de uma *persona* distinta ou da mesma não há como afirmar categoricamente. Entretanto, não é despropositado pensar – como já o fez Tabucchi (1984) – que Bernardo Soares tenha assentido com a publicação em revista, por Pessoa, de algumas páginas de seu diário com a condição de ser apresentado sob o pseudônimo de Vicente Guedes (obviamente, não podemos rejeitar o discurso contrário, isto é, que Vicente Guedes tenha escolhido o pseudônimo Bernardo Soares).

Soares tentou estabelecer uma relação entre as concepções antropológicas e o ideal de perfeição em diversas expressões religiosas. “O homem perfeito do pagão era a perfeição do homem que há; o homem perfeito do cristão a perfeição do homem que não há; o homem perfeito do budista a perfeição de não haver o homem” (PESSOA, 2006a, p. 35)

## 2.8. BARÃO DE TEIVE

Álvaro Coelho de Athayde, o 20º Barão de Teive, convencido de sua superioridade decidiu isolar-se na Quinta da Macieira, pequena propriedade afastada do centro urbano de Lisboa. Escreveu *A educação do estóico*. Em 12 de julho de 1920, suicidou-se. Antes, porém, confessou: “Atingi, creio, a plenitude do emprego da razão. E é por isso que me vou matar”.

No que tange a religião, exterioriza a incredulidade:

Pertenço a uma geração – supondo que essa geração seja mais pessoas que eu – que perdeu por igual a fé nos deuses das religiões antigas e a fé nos deuses das irreligiões modernas. Não posso aceitar Jeová, nem a humanidade. Cristo e o progresso são para mim mitos do mesmo mundo. Não creio na Virgem Maria nem na eletricidade. (PESSOA, 2006a, p. 22)

Ele mesmo, porém, sente a necessidade de crer em algo. E sente-se incomodado com isso: “O conflito que nos queima a alma (...) é o conflito entre a necessidade emotiva da crença e a impossibilidade intelectual de crer” (PESSOA, 2006a, p. 26).

## 2.9. FREI MAURICE

Personagem literária só recentemente conhecida (PESSOA, 2006b), é um frade especial para Pessoa. Ansiava ser bom e praticar o bem, mas vivia em conflito com a sua fé religiosa. Certa vez, num jantar familiar animado, os presentes, todos cordiais entre si, partilham da companhia excessivamente fria e inquietante do “pobre Frei Maurice” (PESSOA, 2006b, p. 77). Richard Zenith, um dos mais respeitados estudiosos de Pessoa assinala: “Frei Maurice, é ele [Pessoa] próprio, uma espécie de alter-ego sombrio.” (ZENITH, 2006, p.7).

Em um texto, que transcrevo a seguir, atribuído a essa personagem, os questionamentos existenciais aludem à teologia agostiniana:

*Por que sou tão infeliz? Por que metade de mim está irmanada com outra metade, a conquista de uma é a derrota da outra, e havendo derrota há sofrimento – o meu sofrimento em qualquer dos casos. Metade de mim é nobre e grandiosa, metade de mim é pequena e vil. Ambas são eu. Quando a parte de mim que é grandiosa triunfa, sofro porque a outra metade – que também é verdadeiramente eu próprio, não consegui alienar de mim – dói por isso. Quando a parte inferior de mim triunfa, a parte nobre sofre e chora. Lágrimas ignóbeis ou lágrimas nobres – tudo são lágrimas. (PESSOA, 2006b, p. 79)*

Representante do clero entre as *personas* pessoanas, frei Maurice convive com a necessidade de exprimir os valores morais cultivados no seio cristianismo, e exigido aos sacerdotes da instituição religiosa ao qual está vinculado, e os desejos particulares, os quais, apesar de julgá-los vis, considera-os necessários, já que segundo ele “dói-me não ser totalmente bom”.

## CONCLUSÕES

Partilho com Edgar Morin o reconhecimento da poesia não somente como um gênero de expressão literária, mas também como “um estado segundo do ser que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e do amor, que contém em si todas as expressões desse estado segundo” (2005, p. 9). Por não se condicionar ao mito e/ou à razão, a poesia contém em si a união, mas não a subjugação. Assim, o estado poético nos transporta por meio da loucura e da sabedoria para além delas.

Este trabalho é inconcluso. Em parte por não ser possível, neste artigo, mergulhar em todos os heterônimos e/ou semi-heterônimos de Fernando Pes-

soa – o que fiz com mais vagar noutro trabalho<sup>19</sup>. Contudo, é possível perceber elementos que confirmam, mesmo em outras *personas* do Pessoa, uma intensa pluralidade religiosa. Ou, como prefiro dizer, Fernando Pessoa inaugurou uma religiosidade líquida (SILVA, 2008, p. 103).

## REFERÊNCIAS

- ABDO, Sandra. *Fernando Pessoa: Poeta cético?* 2002. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ALMEIDA, Maria da C. Complexidade, do casulo à borboleta. In: CASTRO, Gustavo et. al. *Ensaio de Complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 25-46.
- ANTUNES, Alfredo. *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia de Braga, 1983.
- AZEVEDO, Murilo Nunes. Fernando Pessoa o teósofo. In: BLAVATSKY, Helena. *A voz do Silêncio*. Tradução de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. (Introdução).
- AZEVEDO, Murilo Nunes. *Variações em torno de temas teosóficos*. Rio de Janeiro: Teosófica, 1955.
- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Tradução de José Américo Pessanha. São Paulo: Difel, 1985.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COSTA, Dalila P. da. *O esoterismo em Fernando Pessoa*. 2. ed. Porto: Ed. Lello & Irmão, 1978.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- EPICURO. et al. *Antologia de textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- GULLAR, Ferreira. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 nov. 1996. Caderno Mais!
- HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo, 1998.
- HOURCADE, Pierre. *Temas da literatura portuguesa*. Lisboa: Moraes, 1978.

---

<sup>19</sup> A religiosidade em Pessoa foi temática da minha dissertação de mestrado, obra publicada em 2008 pela Editora Blucher Acadêmico.

MESQUITA, André. *Fernando Pessoa: o ocultismo na ótica poética*. Rio de Janeiro: Uapê, 1996.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

ORDOÑEZ, Andrés. *Fernando Pessoa, um místico sem fé*. Tradução Sônia Regina Cardoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Introdução ao Desassossego. In: PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PESSOA, Fernando. *A educação do Estóico / Barão de Teive*. 2. ed. Lisboa: Assírio&Alvim, 2001.

PESSOA, Fernando. *Aforismos e afins*. Tradução Manuela Rocha. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

PESSOA, Fernando. *As origens e essência da Maçonaria*. São Paulo: Landy Editora, 2006c.

PESSOA, Fernando. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. Tradução Manuela Rocha. São Paulo: A Girafa Editora, 2006b.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio / 2-3: Odes de Ricardo Reis; Para além do outro Oceano de Coelho Pacheco*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio/1: Poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PESSOA, Fernando. *Mensagem. Poemas Esotéricos*. Espanha: Archivos / CSIC, 1993. (Edição crítica coordenada por José Augusto Seabra).

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

PESSOA, Fernando. *O Banqueiro anarquista e outras prosas*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

PESSOA, Fernando. *Obras Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966.

PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho. Lisboa: Edições Ática, 1966.

PESSOA, Fernando. *Poemas*. Organização de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

PESSOA, Fernando. *Textos Filosóficos*. Organização de Antônio Pina Coelho. Lisboa: Ática, 1968.

QUADROS, Antônio. *Fernando Pessoa: vida e personalidade de um gênio*. 2. ed. Lisboa: Ed. Quixote, 1984.

SAFRA, Gilberto. *Fernando Pessoa e a condição humana*. Aula ministrada em 11 mai. 2005. Disponível em DVD. São Paulo: Edições Sobornost, 2005.

SARAMAGO, José. In: *Jornal de Lisboa*, Lisboa, 26 nov. 1985.

SILVA, Anaxsuell F. *A religiosidade em Pessoa*. São Paulo: Blucher, 2008.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa – história de uma geração*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1951.

TABUCCHI, Antonio. *Pessoana mínima*. Coleção Temas Portugueses. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

ZENITH, Richard. Notas Prévias, introdução e comentários. In: \_\_\_\_\_. *Fernando Pessoa, escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. Tradução de Manuela Rocha. São Paulo: A girafa editora, 2006.

*Recebido em 15/05/2009*

*Aprovado em 25/07/2009*